

ALGUMAS ÚLTIMAS PALAVRAS

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

[...]

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de “nós”.

Cris Pizzimenti (2013, s.p.).

Para escrever este Memorial, tive de consultar vários documentos, várias fotos e principalmente as lembranças que carrego comigo. Percebo o quanto saber a língua inglesa abriu várias portas para mim e deu-me acesso a informações e a novas culturas. Vejo que o meu pai, com sua sabedoria, tinha realmente razão.

Vejo que a minha história faz parte de tantas outras histórias: da história de minha família; da história dos meus colegas da EEAER; da história da minha turma de graduação; da história da UFG; da história da Faculdade de Letras; da história de meus professores; da história de meus alunos e orientandos; e da história dos meus amigos.

Percebo que as ações que desenvolvi, como docente e como gestor da Faculdade de Letras, muito contribuíram para o desenvolvimento de nossa Faculdade e dos cursos por nós oferecidos. Apesar de estar há muito tempo na gestão, nunca me abstive das minhas atividades docentes e continuei a ministrar aulas, a orientar alunos, a participar de eventos e a publicar.

Escrever este Memorial me levou de volta à minha terna infância, aos dias em que vivia com minha família no Rio de Janeiro, aos meus mais preciosos tesouros e me fez recordar de um poema de minha autoria, intitulado “Infância”, que transcrevo a seguir.

Infância

Lembro-me da infância
Com gosto de chocolate
Cheiro de chuva
De quero mais

Bolinhos de chuva sequinhos
Sequilhos molhadinhos

Primavera mais longa
Soprando vida
Inverno acalmado
Com abraços singelos
E beijos quentes
Da minha gente

O outrora era melhor
E por ora se faz lembrança

Embebedo-me com o que foi
Ternuras telúricas
Gosto agridoce de saudade

Os balanços faziam-me ver mais alto
Queria ser logo grande
Árvore imponente e fértil

Soltar pipa, rodar pião
Brincar de rodas, cirandas
E nas asas da ilusão, sonhos

Na linha da pipa
Fiz rabiola bonita
Cheia de cores, sabores

O céu como livro
Azul e livre
A contemplar-lhe o traço

Embarcei-me nas tramas da vida
Amores, amoras
Procura sem fim
Olho para trás
E brinco com o menino que há em mim.

Este Memorial reúne histórias relacionadas à minha vida, bem como a atividades de ensino, de pesquisa, de extensão e de gestão por mim desenvolvidas nestes 25 anos de trabalho na UFG. Apresenta também vários encontros que a profissão de professor me proporcionou com tantas outras pessoas.

É essa interação, essa troca com meus alunos, com colegas, com os professores e com os técnico-administrativos da Faculdade de Letras que me alimenta a cada dia. Venho sempre trabalhar disposto e alegre, pois escolhi ser professor desta casa. Vejo que a decisão de deixar o Controle de Voo para me tornar professor foi a mais acertada e a que realmente me completou como ser humano.

Termino este Memorial com a certeza de que fiz e tenho feito o meu melhor como docente da Faculdade de Letras da UFG. Ao escrevê-lo, procurei narrar aquilo que julgo ser mais relevante em minha vida e em minha carreira nessa Instituição. Ser professor dessa Universidade muito me honra. A UFG me possibilitou todas as condições para crescimento intelectual e profissional. Nela aprendi a ser professor e aprendi a ser administrador.

A nossa vida é um livro cujas páginas escrevemos todos os dias. Ao escrever este Memorial, percebo que fiz escolhas felizes que me guiaram por minha carreira docente. Escolhi fazer Letras e escolhi ser Professor. Essas escolhas me levaram à sala de aula, o lugar em que me sinto mais realizado, por poder compartilhar o que sei com meus alunos, por poder interagir e aprender com eles, por poder ter tantos encontros.

Este relato biográfico, escrito por intermédio dos *flashes* de memórias que vieram à minha mente e por meio das lembranças que os documentos e as fotos me trouxeram, me fez ter a certeza de que não construí minha carreira docente sozinho. Ela é fruto de minhas interações e dos encontros felizes e produtivos que tive com meus amigos e familiares, com meus professores, com meus colegas de trabalho, com meus alunos, com meus orientandos e supervisionandos, e com os livros que li.

As experiências que tive e as amizades que fiz em minha profissão docente foram formando uma rede de coconstrução de conhecimentos e de colheitas para mim. Essas experiências foram se somando a tantas outras que foram viabilizadas pelas colaborações que tive com meus diversos interlocutores. Espero que esses encontros felizes e colaborativos continuem a fazer parte da minha carreira de professor. Vejo que a teoria sociocultural não tem sido apenas um arcabouço teórico em minhas pesquisas. Ela tem sido, para mim, uma filosofia de vida.

Como a esperta Emília, termino este Memorial também com reticências, e que elas possam indicar muitos outros encontros e sinalizar a escritura de tantas outras histórias...